



Emília Araújo & Eduardo Duque (eds.) (2012)  
*Os tempos sociais e o mundo contemporâneo. Um debate para as ciências sociais e humanas*  
Universidade do Minho: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade / Centro de Investigação em  
Ciências Sociais  
ISBN: 978-989-8600-07-3

---

## **Relações de gênero e usos do tempo vivenciados por enfermeiras e enfermeiros a partir do trabalho no hospital**

AUDREY VIDAL PEREIRA; LÚCIA ROTENBERG & SIMONE SANTOS OLIVEIRA  
*Universidade Federal Fluminense; Instituto Oswaldo Cruz; Escola Nacional de Saúde Pública ENSP/FIOCRUZ)*

auviprof@yahoo.com.br<sup>1</sup>; rotenber@ioc.fiocruz.br<sup>2</sup>; simone@ensp.fiocruz.br<sup>3</sup>

### **Resumo:**

O estudo consiste na análise dos usos do tempo vivenciados por enfermeiras e enfermeiros, que atuam num hospital universitário em Niterói, na região metropolitana do Rio de Janeiro - Brasil, no sentido de verificar desigualdades associadas às relações de gênero. Considera as especificidades do trabalho em hospitais, como o trabalho noturno e nos fins de semana, além da atuação em vários vínculos empregatícios. Conjuga técnicas quantitativas e qualitativas com base em registros diários de suas atividades a serem confrontados em entrevistas semi-estruturadas, a fim de descrever como se dá o uso do tempo e a ocorrência de situações de "permeabilidade" entre a vida profissional e familiar. Foram realizadas entrevistas com quarenta e dois sujeitos. As análises possibilitaram a identificação de conflitos de interesses e tensões nas disputas de poder, que sinalizam desigualdades de gênero. As informações recolhidas através das entrevistas possibilitaram identificar correlações entre a interface 'profissional-doméstico' e a 'saúde'. Mediante os diferentes modos de usos do tempo vivenciados pelos entrevistados, algumas pistas são possíveis de serem suscitadas. No grupo de enfermeiras destacam-se falas apontando um acúmulo de atividades e responsabilidades que reforçam a permanência de desigualdades em suas relações, além de referências ressaltando ser a saúde mental a mais afetada. No conjunto de enfermeiros sobressaem percepções capazes de questionar modelos tradicionais, contribuindo para a equidade de gênero, além de falas que suscitam a presença de mais alterações com relação à saúde física. Em geral, tem sido possível observar o convívio de questões que tanto reforçam as desigualdades de gênero, quanto questionam os modelos tradicionais existentes nas relações com o trabalho na vida contemporânea.

### **Palavras-chave:**

Relações de gênero, usos do tempo, interdependências, enfermeiros

---

<sup>1</sup> Doutorando em Ciências da Saúde, pela Escola Nacional de Saúde Pública – ENSP/Fiocruz – Rio de Janeiro - Brasil. Doutorando em Sociologia no Centro de Investigação em Ciências Sociais da Universidade do Minho. Professor Assistente da Universidade Federal Fluminense – Niterói, Rio de Janeiro – Brasil.

<sup>2</sup> Doutora em Psicologia. Pesquisadora do Instituto Oswaldo Cruz – IOC/Fiocruz. Orientadora do primeiro autor no Curso de Doutorado em Ciências da Saúde - Fiocruz / Brasil.

<sup>3</sup> Doutora em Saúde Pública. Pesquisadora da Escola Nacional de Saúde Pública – ENSP/FIOCRUZ. Coorientadora do primeiro autor no Curso de Doutorado em Ciências da Saúde - Fiocruz / Brasil.

## 1. Introdução

As correlações existentes entre as esferas pública e privada, observadas a partir do trabalho no hospital vivenciado por enfermeiras e enfermeiros, torna possível a identificação de interdependências caracterizadas através dos usos constrangidos do tempo de trabalho, que podem ser analisadas à luz das relações de gênero.

As relações conflituosas entre o valor dado ao tempo de trabalho remunerado, mediante jornadas realizadas com plantões noturnos, diurnos, feriados e finais de semana; e os acontecimentos que envolvem família e atividades quotidianas, produzem incômodos, insatisfações e desgastes. Essas vivências podem ser identificadas pela constante sensação de falta de tempo ou de aceleração do tempo.

Acrescido a essas especificidades, em relação aos horários e esquemas de plantões, a presença majoritária de mulheres no trabalho de enfermagem torna esta realidade mais contundente. Trata-se de profissão essencialmente ligada ao cuidado, o que remete ao âmbito doméstico. Tradicionalmente o papel fundamental de cuidar das demais pessoas da família ficou centralizado na mulher, ficando assim o cuidado sócio-culturalmente identificado como prática feminina. Tal situação tende a dificultar a separação do cuidado exercido de modo técnico-científico, de práticas leigas de cuidados realizados por não profissionais (Pereira, 2011).

Através de pesquisa feita com descritores 'enfermagem' e 'tempo', foi possível encontrar inúmeras publicações referentes à valorização do tempo de trabalho remunerado, em comparação com o tempo dedicado às atividades realizadas fora da prática profissional, ao lazer e ao tempo livre. Conceitos como horas diárias de assistência, duração para procedimentos e consulta de enfermagem, sobrevivência no emprego, atividades desenvolvidas no trabalho e absenteísmo podem ser encontrados em vários estudos<sup>4</sup>. No entanto, sobre os tempos reservados para a realização de atividades não-remuneradas na vida social, é possível constatar uma lacuna na atual produção científica<sup>5</sup>. Deste modo, é relevante realizar pesquisas com objetivo de correlacionar esses dois espaços-tempo, ou seja, trabalho remunerado e vida em família, buscando interações e aproximações, que se acredita serem indissociáveis.

Nos estudos realizados por Dedecca e cols (2008; 2009) pode-se encontrar discussões similares, em que mediante a impossibilidade de modificar a extensão diária, se observa a tensão entre o tempo de trabalho remunerado e o tempo destinado à família ou lazer, exigindo que ao menos um desses processos seja constrangido. Por essa razão, independente de critérios de justiça, os autores sinalizam que a interdependência existente entre os tempos exige uma regulação social (Dedecca, Ribeiro & Ishii, 2009).

---

<sup>4</sup> Ver: Anselmi, Duarte & Angerami, 2006; Balsanelli, Zanei & Whitaker, 2006; Bordin & Fugulin, 2009; Costa & Marziale, 2006; Cucolo & Perroca, 2010; Dal Ben & Souza, 2004; Duarte, et.al., 2000; Holanda & Cunha, 2005; Marcon et. al. 2002; Margarido & Castilho, 2006; Mello, Fugulin & Gaidzinski 2007; Rezende & Gaidzinski, 2008; Ricardo, Fugulin & Souza, 2004; Tranquillini & Ciampone, 2007.

<sup>5</sup> Na área da enfermagem é encontrado um número pequeno de estudos sobre o tema, como exemplo tem-se Pereira & Bueno, 1997 e Costa, Morita & Martinez, 2000.

Esses usos constrangidos do tempo existentes nas relações contemporâneas, segundo Dedecca (2008), apresentam sinais visíveis de distribuição desigual do tempo na sociedade, adquirindo dimensão específica quando se analisa o uso do tempo segundo o sexo, caracterizando maior prejuízo para as mulheres do que para os homens.

A valorização do 'determinismo biológico' e das 'oposições entre os sexos' que estabelece uma divisão na sociedade, não responde à complexidade das relações sociais contemporâneas. Haja visto que a distribuição de atividades no dia-a-dia da vida, mesmo que se encontre polarizada entre homens e mulheres, não tem sido vivenciada de modo rígido. Sorj, Fontes & Machado (2007) afirmam que tem ocorrido em nível global, desde as últimas décadas, transformações na composição sexual do mercado e nas divisões entre trabalho remunerado e práticas de responsabilidades/cuidados familiares, surgindo novos significados e complexidades que remetem a alterações nas relações de gênero na sociedade.

Os 'tempos' cujos usos estão cada vez mais flexíveis, simultâneos e constrangidos, contêm tensões e conflitos perceptíveis, mantendo assimetrias cujo aporte teórico das relações de gênero são imprescindíveis para seu processo de reflexão. Assim, como a vida ocorre de modo complexo e acelerado, sendo difícil delimitar o espaço entre o tempo de produção e de reprodução, torna-se válido explorar os encontros e desencontros nas relações de gênero e nos usos do tempo correlacionados ao trabalho, com consequências diferenciadas na vida de mulheres e homens.

## 2. Usos do Tempo e Relações de Gênero

O 'tempo', segundo Elias (1998) tornou-se a representação simbólica de uma vasta rede de relações reunindo diversas sequências que relacionam posições situadas na sucessão dos eventos físicos, no movimento da sociedade e no curso de uma vida individual, a partir de interações aprendidas, construídas e/ou instituídas socialmente.

Para compreender os símbolos que envolvem o conceito de tempo, há necessidade de um nível elevado de abstração, que vai sendo assimilado pela criança à medida que ela cresce em sociedade (Elias, 1998). Essa apreensão da noção do tempo vai se aprimorando à medida que os indivíduos vão assimilando os condicionantes que a sociedade utiliza para mensurar o tempo. Nas sociedades ocidentais, as formas socioculturais de organizar, gerir e pensar o tempo dependem do grau de penetração do quadro cultural temporal mecânico e abstrato, manifesto na organização científica do trabalho, na valorização da ideia de progresso e desenvolvimento econômico e industrial (Araújo, 2008).

Essa compreensão de que existe uma coerção demarcando 'o uso do tempo' nas relações existentes na vida cotidiana das sociedades (tempo social), encontra consonância não só em autores como Leach (1974), Elias (1998) e Thompson (1998), como também Dal Rosso (1996) e Dedecca (2008). Esses autores também fazem referência ao controle do tempo no âmbito do trabalho e fora deste, possibilitando ainda, correlações com as questões de gênero. Dessa forma, o controle do tempo é percebido não só através de alterações da natureza, mas também a partir da sucessão institucionalizada de ações que transcorrem de modo dirigido, a partir de convenções sociais.

Até recentemente, homens e mulheres estavam diferentemente disponíveis para as atividades de trabalho, uma vez que eram atribuídos especificamente aos homens, o lugar de provedor da renda e a vivência de uma profissão na vida pública, enquanto às mulheres, ficava reservado de modo singular o espaço privado das responsabilidades domiciliares (Hirata & Kergoat, 2007; Rosa, 2003). Essa divisão tem demarcado lugares simbólicos específicos para homens e mulheres, que se consolidam nos processos de socialização, envolvendo, principalmente, a educação formal e a instituição religiosa. Esse processo que se inicia na família e continua com a educação escolar, delimita espaços de influências nas relações sociais que podem fomentar processos de igualdade ou instigar a manutenção de disparidades quanto aos usos do tempo e a realização do trabalho (Hirata & Kergoat, 2007). Deste modo, o uso do conceito de gênero, contribui para evitar generalizações equivocadas a respeito das oposições entre homens e mulheres. Gênero deve ser entendido como um conceito que ignora o reducionismo da explicação biológica das diferenças, e passa a percebê-las como produto de uma construção social e cultural das relações de poder. Assim, a construção da identidade de gênero se dá por meio das relações sociais, a partir da linguagem que designa o sistema de significação e ordem simbólica, nas quais são percebidas tanto as manifestações biológicas e intelectuais, quanto as emocionais, culturais, políticas e históricas (Scott, 1990).

Segundo Hirata & Kergoat, (2007), a partir da 'divisão sexual do trabalho', é possível estudar a distribuição diferencial de homens e mulheres nos ofícios, profissões e mercados e as respectivas variações no tempo e no espaço dessa distribuição. Analisa como essa distribuição se associa à divisão desigual do trabalho doméstico entre os sexos. Além disso, procura mostrar que essas desigualdades são sistemáticas e busca refletir sobre esses processos de diferenciação utilizados pela sociedade para hierarquizar as atividades e os sexos, criando um sistema de gênero. Ou seja, além da identificação das desigualdades, a categoria de 'divisão sexual do trabalho' contribui para compreender a natureza que dá origem a estas desigualdades.

Em suma, segundo Schouten (2007), tanto o homem quanto a mulher tem grande influência no modo como se usa o tempo, cuja distinção entre os gêneros pode ser observada nas esferas pública e privada. Isto possibilita compreender como homens e mulheres têm se relacionado com o propósito de organizar o dia-a-dia de suas vidas, quer seja no âmbito da produção (público), quer seja no espaço da reprodução (privado). Conforme Ramos (2009), a manifestação dessas questões, referentes às relações de gênero, podem ser ressaltadas a partir da análise dos 'estudos de usos do tempo'.

Assim, nesta pesquisa, a partir dos usos do tempo, vivenciados de maneira diferenciada por enfermeiras e enfermeiros no trabalho hospitalar, busca-se analisar as relações de interdependências existentes nas esferas profissional e doméstica. Espera-se que seus resultados contribuam para o surgimento de construções discursivas mais pluralizadas referentes aos usos do tempo e as relações de gênero.

### 3. Percurso Metodológico

A pesquisa conjuga e integra técnicas quantitativas e qualitativas. Os estudos quanti-qualitativos, quando feitos em conjunto, promovem uma ideia mais elaborada e completa da realidade, ensejando o desenvolvimento de teorias e de novas técnicas cooperativas (Minayo, 2006).

O trabalho de campo foi realizado no Hospital Universitário Antônio Pedro ligado a Universidade Federal Fluminense, no Município de Niterói (Rio de Janeiro/Brasil). A escolha por um hospital localizado na região metropolitana se deu pelas inúmeras possibilidades de vivenciar ações sobrepostas e usos constrangidos do tempo, mediante as complexidades e especificidades que ocorrem somente em grandes cidades. Além disso, este hospital especialmente - em função de seu *módus operandi* para manter atividades de forma ininterrupta ao longo das 24 horas por dia nos sete dias da semana - possibilita apreender questões referentes aos plantões de maneira mais clara.

A etapa da pesquisa de campo teve duração de aproximadamente quatro meses, perfazendo o período de novembro de 2011 a fevereiro de 2012. O primeiro contato com o hospital ocorreu através de reunião realizada com o diretor de enfermagem, com a intenção de apresentar a pesquisa e acordar cronograma para a coleta de informações. Nesse ínterim, foi oportuno conhecer o organograma do hospital a fim de identificar locais e sujeitos a serem envolvidos no estudo. Em novembro de 2011 foi realizado mapeamento para identificar setores e entrevistados a serem inseridos na pesquisa. Registrou-se a distribuição destes últimos por gênero, área de atuação, setor, escala e inserção profissional (gerência e assistência).

A partir das escalas de trabalho foi possível observar setores com maior e menor proporção de homens e considerar escalas de trabalho com atividades ininterruptas (plantões noturnos e de fim de semana) e diaristas (sem finais de semana). Assim, selecionamos a Área de Clínica Geral e Especializada (CGE) com maior proporção de homens e ênfase para a escala plantonista e a Área do Ambulatório, com menor proporção de homens e destaque para escala diarista.

A coleta de informações propriamente dita foi iniciada em janeiro de 2012 pelo setor de quimioterapia no ambulatório e pelo Centro de Terapia Intensiva na CGE, se estendendo pelos demais setores das respectivas áreas. No entanto, no Ambulatório encontraram-se dificuldades quanto à adesão dos sujeitos, especificamente, enfermeiras com maior tempo de formação. Deste modo, foi necessário identificar outros possíveis entrevistados com escalas diaristas. Ao analisar novamente as escalas, foi possível observar que os profissionais ligados à gerência (coordenação das atividades de enfermagem) apresentavam, além do ambulatório, um grupo com possibilidades de encontrar participantes que realizavam escalas diaristas. Todavia, vale ressaltar que, diferente do Ambulatório (privilegio de diaristas e menor proporção de homens), e da CGE (predomínio de plantonistas e maior proporção de homens); os profissionais associados às atividades gerenciais compuseram um grupo com predomínio de escalas diaristas, porém com presença significativa de homens.

Ao longo do período de coleta de informações foram abordados todos profissionais que estavam presentes nos setores elencados, além daqueles cujas atividades estavam atreladas especificamente à gerência.

Foram utilizadas as seguintes técnicas para obtenção das informações: (i) registros diários das atividades ao longo de uma sequência de dias e (ii) entrevistas semi-estruturadas.

Para obtenção dos registros diários das atividades foi utilizada uma 'caderneta de atividades', instrumento adaptado a partir dos chamados 'diários de uso do tempo' tendo como referência Aguiar (2010). Este instrumento teve intenção de descrever como foram distribuídas as atividades realizadas pelas pessoas durante as vinte e quatro horas do dia ao longo de uma semana. Esta 'caderneta de atividades' foi 'testada' com alguns profissionais no mês de dezembro de 2011, de forma a promover ajustes e adequações que viabilizassem o seu uso para os objetivos desse estudo.

As entrevistas foram realizadas individualmente, no local de trabalho, previamente acordado com os profissionais. Para direcionar a coleta de informações foi usado um roteiro para facilitar o diálogo. Essas entrevistas permitiram a realização de uma auto-confrontação a partir dos registros efetivados na caderneta, possibilitando reflexões sobre as diferentes temporalidades<sup>6</sup>. Este momento foi fundamental para refletir com as (os) trabalhadoras (os) sobre as preocupações referentes à esfera doméstica e ao trabalho profissional no dia a dia, a realização de atividades ao mesmo tempo, além de aspectos relativos à invasão da vida doméstica no trabalho do hospital e vice-versa; com destaque para as diferenças nas relações de gênero entre o tempo usado para si e para os outros.

Quanto aos sujeitos, essa pesquisa foi constituída por enfermeiras e enfermeiros que estavam presentes nas áreas escolhidas durante o período supracitado, a partir de uma escala que contava com 93 profissionais nas áreas da CGE, do AMB e da GER. Dentre esses, 75 aceitaram participar, sendo incluídos na primeira etapa, cuja participação se deu através do registro diário de suas atividades em uma 'caderneta de atividades'. Dos 75 profissionais que preencheram essa caderneta, 42 foram identificados para realizar as entrevistas. A escolha dos entrevistados, além do interesse de participação, privilegiou as seguintes variáveis: mais de um vínculo empregatício (público ou privado); escalas de trabalho ininterruptas (plantões diurnos, noturnos e/ou finais de semana) ou escalas diaristas; presença de filhos (dependentes); presença de idosos na família; curso de pós-graduação. Assim, não participou da entrevista: aquele que não desejou; que não preencheu adequadamente ou que demorou devolver a caderneta; que não foi encontrado no setor ou não retornou contato telefônico / e-mail; ou ainda, após saturação das informações.

#### **4. O hospital e suas interdependências: algumas aproximações**

O conceito de interdependência pode ser compreendido ao observar uma configuração como uma formação social ou uma rede de interação permanente, em que os indivíduos ou grupos estão ligados uns aos outros por um modo específico de dependências recíprocas. Vivenciam processos de agrupamentos através de inúmeras cadeias invisíveis de

---

<sup>6</sup> O termo confrontação utilizado é oriundo de estudos sobre o trabalho, a partir do enfoque utilizado por *Faith e Vieira (2003)*. Para estes autores, a autoconfrontação expõe as relações entre o que as pessoas fizeram (real vivido) e o que elas dizem do que estão fazendo (discurso que representa a atividade), a fim de compartilhar reflexões sobre 'becos sem saída', (tensões e conflitos) observados durante as situações, a partir de uma relação dialógica durante o confronto. Essa atividade discursiva compreendida como um processo ativo possibilita auto-reflexões que contribuem para que as pessoas possam agir de modo diferenciado em situações futuras.

relacionamentos, onde os equilíbrios de poder tendem a determinar a conduta das pessoas. Ou seja, as pessoas são orientadas umas para as outras e unidas umas às outras das mais diversas maneiras constituindo teias de interdependências (Elias, 1993, 2006 e 2008).

O hospital pode ser compreendido como uma configuração que apresenta interdependências no que se refere às relações de gênero entre os profissionais. Está inserido numa configuração mais extensa que diz respeito ao campo da saúde, movimentando transformações que perpassam as relações humanas entre homens e mulheres na sociedade em geral.

Ao longo das obras de Elias<sup>7</sup> surgem reflexões importantes sobre o conceito de interdependência. Elias possibilita elucidar aproximações existentes entre as transformações que ocorrem tanto na sociedade quanto no comportamento individual, tendo em vista afrouxar o constrangimento de falarmos e pensarmos como se o 'indivíduo' e a 'sociedade' fossem antagônicos e diferentes. Assim, evita polarizações conceituais que atribua maior valor a um em detrimento do outro. Além disso, coloca o problema das interdependências humanas no centro das teorias sociológicas (Elias, 2008).

A partir do princípio de 'relações' (indivíduo e sociedade), Elias (1994) critica a velha imagem do homem como 'personalidade fechada' e isolada e propõe a substituição pela imagem de 'personalidade aberta' e orientada para o outro, que possui um maior ou menor grau de autonomia face à de outras pessoas, fundamentalmente direcionada para interação e interdependência, formando um nexos denominado de configuração.

A rede de interdependência que compõe uma configuração é elaborada por Elias como uma teoria adequada para explicar a dinâmica das relações humanas que não podem ser reduzidas nem ao enfoque isolado da liberdade individual nem apenas à coerção ou constrangimento coletivo. Para ilustrar seu viés analítico, Elias (1994 e 2008) utiliza respectivamente o 'modelo de jogos' ou da 'dança' como metáfora cuja proposta é demonstrar uma visão dinâmica das estruturas sociais. Tanto o jogo quanto a dança não têm existência própria 'fora' dos jogadores ou dançarinos, não sendo 'composições' externas à pluralidade de indivíduos que os praticam. Desta maneira, as posições e os comportamentos dos jogadores ou dançarinos, em correlação estreita uns com os outros, são direcionados pelas interdependências no contexto da configuração.

A partir da concepção de que as pessoas estão interligadas e se relacionam, como nos exemplos do jogo ou da dança, é possível refletir que estabelecem ações com outras pessoas, para as outras pessoas e entre as pessoas. São atravessadas também por diferenças e disputas de poder e pelos conflitos de interesses que consolidam os elos de interdependência. Constituem desta forma, noções a respeito das teorizações que são fundamentais para o processo de reflexão desse estudo. Esse modelo também auxilia a refletir sobre as disputas pelo poder, os processos de conflitos e tensões existentes nesse contexto hierárquico de normas e regras que configura a rede de interdependências no hospital. Assim, pensar as relações de interdependências nesta configuração é buscar compreender o 'equilíbrio de poder' que possa existir entre os profissionais, capaz de

---

<sup>7</sup> Norbert Elias (1990, 1993, 1994, 2000, 2001, 2006 e 2008).

fomentar mediações que minimizem desigualdades históricas com relação às questões de gênero.

Como visto, as tensões estão presentes no cotidiano das relações sociais. No entanto, ao refletir sobre os processos de interdependência, Elias desenvolve o conceito de 'equilíbrio', contribuindo para tornar maleável a rigidez remetida aos conceitos de 'tensão', 'disputa' e 'conflito'.

Através do referencial teórico de Norbert Elias, percebe-se que, além das 'interdependências funcionais', também são encontrados outros conceitos como: 'conflitos de interesses' e 'ambivalência de interesses' (Elias, 1993), 'disputas de poder' (Elias, 2000), 'equilíbrio de poder' e 'equilíbrio das tensões' (Elias, 2001 e 2008). Contribuem no sentido de capturar a realidade da dinâmica das relações entre pessoas e grupos, que de maneira móvel transforma a teia de interdependências no contexto das configurações.

Ao analisar o trabalho no hospital, podemos considerar que os indivíduos que atuam nas diversas práticas profissionais estão ao mesmo tempo, separados e unidos por um laço tenso e desigual de interdependência.

## 5. Primeiras análises

Neste momento, cujas primeiras análises encontram-se em andamento, observa-se que o cruzamento das informações obtidas através da 'caderneta de atividades' e das entrevistas, contribuiu para identificar que os espaços e tempos da vida profissional e familiar se encontram, se misturam, ou se tornam permeáveis entre si. Além disso, permitiu a observação de como as enfermeiras e enfermeiros percebem a realização de várias atividades ao mesmo tempo e como vivenciam os tempos para si e para os outros.

A partir da análise do grupo de enfermeiras foi possível identificar conflitos de interesses e tensões nas disputas de poder. Sinalizam-se situações em que as esferas pública e privada encontram-se misturadas no dia a dia da vida de várias dessas pessoas, além de correlações entre a interface 'profissional-doméstico' e a 'saúde', com destaque para as desigualdades de gênero. Assim, mediante os diferentes modos de usos do tempo vivenciados, algumas pistas são possíveis de serem suscitadas, como expresso a partir da seguinte fala.

*"Meu marido me cobra sobre isso... eu sou muito intensa no meu trabalho... eu às vezes não me desvinculo... não consigo (...) priorizar outras questões... outros momentos que poderiam ser priorizados e que são importantes, num período assim de parar e resolver outras questões.. Aqui no CTI, eu sei que eu sou errada quanto a isso. Eu não consigo me desvencilhar em alguns momentos"*  
(Enfermeira 9)

Nas entrevistas sinalizam-se registros que possibilitam identificar que o trabalho está presente na maior parte do tempo de suas vidas, expressando eventos de atividades que prosseguem à atuação remunerada. Percebe-se que os tempos e espaços referentes ao trabalho remunerado e a casa se misturaram. Salvo exceções, encontra-se de modo



naturalizado, um acúmulo de atividades e responsabilidades que reforçam a permanência de desigualdades em suas relações.

*“Todas as vezes, talvez por personalidade, ou por treinamento de vida, ou talvez por profissão... toda vez que eu fico sem fazer nada, eu fico olhando pro tempo, pro ar, eu acho que eu estou perdendo tempo..., simplesmente sem produção nenhuma... então eu não sei fazer isso. [...] enquanto eu tiver alguma coisa pra fazer eu vou fazer... então eu vou fazer até eu ficar cansada pra sentar...é assim”. (Enfermeira 53)*

*“...durante a minha permanência no trabalho... eu resolvo os meus problemas em casa... Eu tenho que ligar pra minha secretária pra dar algumas diretrizes pra ela... eu tenho que ligar pra o colégio das crianças... as vezes... pra informar que isso aconteceu... ou que a minha filha tem uma alergia e que tem que usar isso, isso e isso... Eu tenho que ligar de novo pra casa... pra avisar... compra isso porque acabou... alguma coisa que é importante pra minha semana... pra mandar pra o colégio... então... eu tenho uma certa dependência... mesmo no horário de trabalho... pra resolver algumas coisas em casa... eu resolvo muita coisa por telefone...”. (Enfermeira 5)*

Torna-se possível destacar que o uso do próprio tempo para os outros aparece de modo mais evidente do que para si. Encontram-se em muitos momentos, tensas, cansadas e sobrecarregadas; daí a presença de referências apontando ser a saúde mental a mais afetada. Entretanto, não se percebe impedimentos de se encontrar interferências com relação às intercorrências físicas.

*“O que acontece é o seguinte... que a minha vida, às vezes, pessoal fica em segundo plano... as minhas questões... os meus interesses” (Enfermeira 9)*

*“Eu me sinto sobrecarregada... porque o sono fica prejudicado... porque eu vou ficando até mais tarde pra ficar dando conta de algumas coisas.. e... vou te falar... eu fico irritada... ansiosa... porque a sensação que eu tenho é que eu estou trabalhando mais do que todo mundo... [...] tem dias que eu estou extremamente irritada... mas eu acho que é sobrecarga mesmo... e eu não consigo... não tenho o descanso...” (Enfermeira 5)*

*“Eu sou uma pessoa que me cuido relativamente... tento nesse pouco tempo... faço exames de rotina, eu vou ao médico regularmente. Se eu tenho, por exemplo, eu tenho minha vista... eu agora estou com óculos direitinho... vou mandar fazer, esse aqui já está ruim, está fraco... estou sentindo a vista mais fraca, esse problema agora é o primeiro que eu tenho pra resolver... que é a cirurgia... aí... mas eu estou acompanhado de 6 em 6 meses na ultrassom, na transvaginal...” (Enfermeira 60)*

As interdependências vivenciadas no dia a dia permitem a expressão de conflitos que se apresentam difíceis de serem mediados, quiçá resolvidos no tempo presente. Assim, torna-se pertinente observar que se aproximam de alternativas que mais se remetem a médio e longo prazo, a fim de tentar equilibrar tensões.

*“... é difícil desconstruir isso. Na verdade hoje eu estou buscando outras saídas, hoje já convenci a mudar da casa, não sei quando, mas a hora que eu mudar*

*daquela casa, você pode ter certeza, de que eu não vou ter mais isso aqui, de ter que estar indo no mercado, porque eu moro longe, então eu dependo de alguém me levar, alguém me trazer. Eu estou planejando em ter uma vida mais confortável... de tudo...'desce e vai comer sanduíche'... porque eu não posso fazer isso em casa.... tem que está tudo lá. Então, a minha esperança, pra eu começar a mudar isso aqui (aponta para o compilado da caderneta de atividades) é começar a mudar de casa, mudar tudo... se ninguém casar... ir embora de casa... eu estou frita." (Enfermeira 18)*

No conjunto de enfermeiros também foi possível observar a existência de grande parte do tempo para o trabalho remunerado. Já com relação às atividades não pagas, parece que são mais realizadas de maneira eventual, principalmente aquelas correlacionadas aos interesses coletivos. Sendo assim, o tempo pode, na maioria das vezes, estar sendo mais usado para si, do que para os outros. Torna-se possível identificar insatisfação quanto à necessidade de realizar várias coisas ao mesmo tempo, além de tentativas em separar os espaços da vida pública e privada.

*"...eu fico em casa aí faço qualquer coisa, varro quintal, eu arrumo a casa e tem quintal e tem mangueira, e cai folha pra caramba e um dos lazeres q eu gosto, deixar limpinho o quintal, não é...então pra mim isso é um lazer, não é?" (Enfermeiro 40)*

*"por exemplo.. organizar a minha casa... pintar alguma coisa... que eu posso fazer... eu estou fazendo isso devagar... trocar um... mexer alguma coisa na água... luz... essas coisas assim que eu tenho que fazer em casa.... lavar um carro... está incluído nisso aí também... lavar um banheiro... então... não tem muita coisa de atividade doméstica não... mas sempre tem alguma coisinha pra fazer..". (Enfermeiro 51)*

*"... eu acho horrível ter que fazer várias coisas... eu acho isso uma atitude patológica... eu não sou assoberbado a ponto de ter que fazer várias coisas ao mesmo tempo... eu organizo o meu tempo... pra poder fazer as coisas de maneira a que eu possa dar atenção exclusiva para aquilo que eu estou me focando..." (Enfermeiro 68)*

Salvo particularidades, existem sinalizações quanto à existência de atividades realizadas no âmbito privado que são capazes de questionar modelos tradicionais com relação às questões de gênero.

*"Eu acho importante, eu colocar a mesa pra minhas filhas, é uma atividade doméstica, mas é um momento que eu tenho de relação. Eu acho importante, a coisa do dever de casa, como falei com você, ...ajudar a fazer o dever de casa, inspecionar o dever de casa... [...] assistir alguma coisa que elas estão assistindo, opinar alguma coisa que elas estão na internet, acompanhar as atividades delas, entendeu... gosto de cozinhar para elas...é uma atividade doméstica...é... [...] atividade doméstica é uma coisa que me dá prazer, eu gosto de cozinhar." (Enfermeiro 39)*

Mesmo existindo apontamentos a respeito de interferências correlacionadas com as questões mentais e/ou emocionais, encontram-se verbalizações que suscitam a presença de mais alterações em relação à saúde física.

*"... eu, às vezes, até deito, porque eu tenho problema de coluna, tenho que me deitar pra aguentar o rojão, a coluna dói.. (Enfermeiro 40)*

*"... eu já estou até com dor na lombar... isso já está afetando... estresse... eu sou uma pessoa... sei lidar com algumas coisas... estou sempre bem humorado... agora tem situações que estou andando estressado... não tenho paciência... estou percebendo que isso afeta diretamente a saúde..." (Enfermeiro 11)*

*"Eu tento resolver todas dentro do tempo pré-determinado... tento...às vezes eu não consigo, às vezes eu tenho êxito, mas eu tento resolver todas dentro daquele limite de tempo q tão ali...tento dar conta delas..." (Enfermeiro 17)*

Parece que existem tentativas objetivas para mediar as situações conflituosas e equilibrar tensões, suscitando possibilidade de observar estratégias a serem vivenciadas mais em curto prazo.

## **6. Considerações Finais**

Em geral, pode-se observar o convívio de questões que tanto reforçam as desigualdades de gênero, quanto questionam os modelos tradicionais existentes nas relações quotidianas vivenciadas por enfermeiras e enfermeiros. A rede de dependências, identificadas a partir de conflitos de interesses e disputas de poder, permite refletir que os espaços e tempos público e privado se encontram ou se confundem, no dia a dia da vida dessas e desses trabalhadores, salvo particularidades individuais. Ainda a partir do gênero, existem diferenças em relação à realização do trabalho doméstico e de atividades simultâneas, ao uso do tempo para si e para os outros, à maneira como percebem a saúde e às estratégias utilizadas para equilibrar tensões advindas de relações e usos do tempo desiguais.

Espera-se que a pesquisa possibilite reflexões a serem compartilhadas com as (os) enfermeiras(os), sobre papéis designados tradicionalmente, que dificultam a ascensão profissional de mulheres e maior envolvimento de homens na esfera doméstica; e sobre movimentos de mudanças correlacionados aos usos do tempo e às questões de gênero que estejam ocorrendo no dia a dia destas e destes profissionais, influenciando as relações nas esferas pública e privada da vida contemporânea. E que essas reflexões provenientes das correlações entre a interface 'profissional-doméstico' e a saúde, permitem subsidiar discussões com o campo das políticas públicas, que contribuem para equilibrar tensões e reduzir desigualdades de gênero nas relações com o trabalho na vida contemporânea.

## **Referências**

- Aguiar, N. F. (2010). Metodologias para o levantamento do uso do tempo na vida quotidiana no Brasil. *Revista Econômica*, 12, 1, 64-82.
- Anselmi, M. L.; Duarte, G. G. & Angerami, E. L.S. (2001). Sobrevivência" no emprego dos trabalhadores de enfermagem em uma instituição hospitalar pública. *Rev. Latino-Am. Enfermagem*, 9, 4, 13-18.

- Araújo, E. (2007). Modos de governação do tempo – a dimensão cultural. In Araújo, E; Duarte, A. M. & Ribeiro, R. (orgs.) *O tempo, as culturas e as instituições. Para uma abordagem sociológica do tempo (29-62)*. Lisboa: Edições Colibri.
- Balsanelli, A. P.; Zanei, S. S. S. V. & Whitaker, I. Y. (2006). Carga de trabalho de enfermagem e sua relação com a gravidade dos pacientes cirúrgicos em UTI. *Acta paul. enferm.* 19, 1, 16-20.
- Bordin, L. C. & Fugulin, F. M. T. (2009). Distribuição do tempo das enfermeiras: identificação e análise em Unidade Médico-Cirúrgica. *Rev. esc. enferm. USP.* 43, 4, 833-840.
- Costa, A. L. R. C. da & Marziale, M. H. P. (2006). Relação tempo-violência no trabalho de enfermagem em Emergência e Urgência. *Rev. bras. enferm.* 59, 3, 337-343.
- Costa, E. de S.; Morita, I. & Martinez, M. A. R. (2000). Percepção dos efeitos do trabalho em turnos sobre a saúde e a vida social em funcionários da enfermagem em um hospital universitário do Estado de São Paulo. *Cad. Saúde Pública.* 16, 2, 553-555.
- Cucolo, D. F. & Perroca, M. G. (2010). Reestruturação do quadro de pessoal de enfermagem e seu impacto sobre as horas de assistência. *Rev. Latino-Am. Enfermagem.* 18, 2, 175-181.
- Dal Ben, L. W. & Sousa, R. M. C. (2004). Adaptação de instrumento para dimensionar horas diárias de assistência de enfermagem residencial. *Rev. esc. enferm. USP.* 38, 1, 80-89.
- Dal Rosso, S. (1996). *A Jornada de Trabalho na Sociedade: o castigo de Prometeu*. Ed. LTr, São Paulo.
- Dedecca, C. S. (2008). Regimes de Trabalho, uso do tempo e desigualdade entre homens e mulheres. In Costa, A. O. et al. (orgs), *Mercado de Trabalho e gênero: comparações internacionais.* 279-297. Rio de Janeiro: Ed. FGV.
- Dedecca, C. S.; Ribeiro, C. S. M. F. & Ishii, (2009). Gênero e jornada de trabalho: análise das relações entre mercado de trabalho e família. *Trab. Educ. Saúde* 7, 1, 65-90, mar./jun. Rio de Janeiro.
- Duarte, G. G. et al. (2000). Vida média de labor dos enfermeiros egressos da escola de enfermagem de Ribeirão Preto, USP – Brasil. *Rev. Latino-Am. Enfermagem.* 8, 6, 91-95.
- Elias, N. (1990). *La sociedad de los Individuos*. Barcelona: Ediciones Península.
- Elias, N.(1993). *O Processo Civilizador*, vol. II. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Elias, N.(1994). *O Processo Civilizador*, vol. I. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Elias, N. (1998). *Sobre o Tempo*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Ed.
- Elias, N.(2001). *A sociedade de Corte*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Elias, N.(2006). *Escritos & ensaios; 1: Estado, processo, opinião pública*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Elias, N. (2008). *Introdução à Sociologia*. Biblioteca Nacional de Portugal. Lisboa: Edições 70;16, outubro.
- Elias, N. & Scotson, J. L. (2000). *Os Estabelecidos e os Outsiders. Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

- Faïta D. & Vieira, M. (2003). Réflexions méthodologiques sur l'autoconfrontation croisée. *D.E.L.T.A.* v19, 1, 123-154.
- Hirata, H. & Kergoat, D. (2007). Novas Configurações da Divisão Sexual do Trabalho. *Cadernos de Pesquisa*, 37, 132, 595-609, set./dez.
- Holanda, F. L. de & Cunha, I. C. K. O. (2005). Tempo de permanência de enfermeiros em um hospital-escola e valores monetários despendidos nos processos de admissão, desligamento e provimento de novo profissional. *Rev. Latino-Am. Enfermagem*. 13, 5, 642-647.
- Leach, E. R. (1974). *Repensando a Antropologia*. São Paulo: Ed. Perspectiva.
- Marcon, S. S., et. al. (2002). Atuação do enfermeiro em unidades básicas de saúde: utilização do tempo versus atividades desenvolvidas. *Rev. enferm. UERJ*; 10, 1, 20-24, jan/abr.
- Margarido, E. S. & Castilho, V. (2006). Aferição do tempo e do custo médio do trabalho da enfermeira na consulta de enfermagem. *Rev. esc. enferm. USP*. v.40, 3, 427-433.
- Mello, M. C. de; Fugulin, F. M. T. & Gaidzinski, R. R. (2007). O tempo no processo de trabalho em saúde: uma abordagem sociológica. *Acta paul. enferm.* v.20, 1: 87-90.
- Minayo, M. C. S. (2006). *O Desafio do Conhecimento*. Pesquisa Qualitativa em Saúde. 9ª ed. revista e aprimorada. São Paulo: Hucitec.
- Pereira, A. V. (2011). Relações de gênero no trabalho: reflexões a partir de imagens construídas de enfermeiras e enfermeiros. *Cad. Esp. Fem. Uberlândia/MG*, v. 24, 1, 49-77, Jan./Jun.
- Pereira, M. E. R. & Bueno, S. M. V. (1997). Lazer - Um caminho para aliviar as tensões no ambiente de trabalho em UTI: uma concepção da equipe de enfermagem. *Rev.latinoam.enfermagem*, v.5, 4, 75-83, outubro. Ribeirão Preto.
- Ramos, D. P. (2009). Pesquisas de usos do tempo: um instrumento para aferir as desigualdades de gênero. *Estudos Feministas*, v.17, 3, 861-870, set/dez. Florianópolis.
- Rezende, P. O. & Gadzinski, R. R. (2008). Tempo despendido no sistema de assistência de enfermagem após implementação de sistema padronizado de linguagem. *Rev. esc. enferm. USP*. 42, 1, 152-159.
- Ricardo, C. M.; Fugulin, F. M. T. & Souza, T. M. (2004). Dimensionamento de pessoal de enfermagem: análise do tempo efetivo de trabalho das enfermeiras da UTI pediátrica do HUUSP. *Rev Gaúcha Enferm*, 25, 3, 357-66, dez. Porto Alegre (RS)
- Rosa, R. de M. (2003). A diferença que faz diferença. *Revista Habitus: revista eletrônica dos alunos de graduação em Ciências Sociais – IFCS/UF RJ*, v.1, 1, 5-14, março.
- Schouten, M. J. (2007). Tempo a ganhar, tempo a perder – diversidade em arranjos temporais. In Araújo, E., Duarte, A. M. & Ribeiro, R. (orgs.), *O tempo, as culturas e as instituições. Para uma abordagem sociológica do tempo* (63-75). Lisboa: Edições Colibri.
- Scott. W. J. (1990). Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, 16, 2, 5-22, dez. Porto Alegre.

- Sorj, B, Fontes, A. & Machado, D. C. (2007). Políticas e Práticas de Conciliação entre Família e Trabalho no Brasil. *Cadernos de Pesquisa*, 37, 132, 573-594.
- Thompson, E. (1998). Tempo, disciplina de trabalho e capitalismo industrial. *Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo:Companhia das Letras.
- Tranquitelli, A. M. & Ciampone, M. H. T. (2007).Número de horas de cuidados de enfermagem em unidade de terapia intensiva de adultos. *Rev. esc. enferm. USP*. 41, 3, 371-377.